

CARTAS

POLEMICA

Prezados companheiros do PORANTIM:

Acabo de receber o n.º 12 do jornal, sempre melhor. Terminada a leitura, a última resposta de Daniel Cabixi na entrevista provocou o envio desta carta, que de certa maneira já estava na gaveta desde a saída do n.º 11. Explico porque: neste penúltimo número, o PORANTIM deu extensa cobertura à III Assembléia Nacional do CIMI, realizada em Goiânia no final do mês de julho último. Uma página para cada regional, muitas informações atualizadas sobre a situação das nações indígenas, realmente um n.º para usar e guardar.

Estranhei que a equipe do PORANTIM não registrasse um fato ocorrido durante a Assembléia, quando a apresentação da equipe do regional Mato Grosso. Claro está que é muito difícil dar conta de toda a riqueza dos quatro dias de uma Assembléia que reuniu mais de 100 pessoas, entre índios, missionários e assessores. Em todo caso parece-me importante registrar a intervenção longa feita pelo Aniceto, chefe Xavante da Aldeia de São Marcos, complementando o relatório do regional MT perante a Assembléia.

Aniceto pediu a palavra e em pé proferiu discurso solene, pausado e, logo, levemente ameaçador. Contou a história do contato do povo Xavante, desde os idos de 1945, passando pelo encontro com os missionários salesianos nos anos 50; acossados e protegidos. Cronologicamente, Aniceto avançou até os anos 70 e aí marcou seu desagrado em relação aos missionários que não queriam mais batizar as crianças Xavante. Por que os missionários não querem mais batizar as crianças? Dirigiu-se frontalmente a D. Tomás, que estava sentado ao centro da primeira fila de cadeiras e exigiu um esclarecimento da questão. E afirmou: "O BRANCO JÁ ROUBA A NOSSA TERRA. AGORA NÃO QUER DEIXAR A GENTE TER O CÉU".

Diante disso, as reações foram diversas: alguns classificaram o ocorrido como mera provocação facciosa (no estilo "fizeram a cabeça do Aniceto"), outros reclamaram que a questão fosse enfrentada com seriedade porque atingia o coração da polémica sobre evangelização e, os salesianos ali presentes o que pensaram? Não sei ao certo, mas (de passagem) aproveitei para registrar que alguns deles também destilaram seu antídoto cada vez que o Daniel Cabixi falava: esse aí não é mais índio, está sendo manipulado para dizer essas coisas.

Então, parece-me que, pelo menos, o PORANTIM devia ter registrado esse fato, colaborando para que ele não fosse para a gaveta do esquecimento. Esse é um problema da pastoral indígena não só de Mato Grosso, mas de todas as áreas de colonização antiga, de implantação missionária pesada e tradicional. Diante da reclamação e exigência de Aniceto, vale muito pouco a apologia da "nova missão" calada, encarnada.

Talvez seja mais simples experimentar essa nova missão entre povos indígenas com pouco ou nenhum contato com a sociedade nacional, como aliás estão fazendo os missionários-símbolo da linha CIMI. Mas e o rito histórico deixado para trás? Como enfrentá-lo? Penso que ajudaria se o problema fosse assumido de frente, na sua complexidade. Ou seja, é preciso dar ouvidos ao que disse Aniceto e não apenas quando os índios dizem aquilo que nós queremos ouvir.

Durante tanto tempo e ainda hoje, os índios não são ouvidos. Recentemente alguns setores da sociedade nacional tem valorizado muito a palavra do índio e, diante dela (depois de tanto tempo sufocado), é difícil encontrar uma certa atitude indígena e contemplativa. Mas essa atitude é, na maioria das vezes, sentida e purificadora. O risco maior é passar rapidamente a usar a palavra do índio apenas quando ela convém aos nossos valores e programas de ação.

Eu gostaria de duas reflexões a respeito da fala de Aniceto, cobrando o batismo das crianças da aldeia de S. Marcos: 1) os motivos que levaram os salesianos de S. Marcos a romperem a prática de batizar as crianças são diferentes daqueles que levaram os missionários da linha CIMI a desaconselhar as práticas sacramentais, na sua carta de princípios firmados em 1975.

No entanto, uma coisa e outra coincidiram, mais ou menos, no tempo. Aí veio a III Assembléia e o Aniceto cobra do presidente do CIMI o que os salesianos de S. Marcos deixaram de fazer, ainda que por outros caminhos. Talvez se possa voltar a esta questão, na forma de um debate ou de artigos assinados, caso o PORANTIM julgue oportuno. 2) qual o significado que o batismo tem para os Xavantes? Nesse ponto gostaria apenas de transcrever alguns trechos de Curt Nimuendajú a respeito dos Guarani do interior de São Paulo, no início deste século. Não pretendo com isso uma transposição explicativa mecânica. Apenas para ensejar a reflexão. Então, diz Nimuendajú: "A tal ponto chega a estúpida presunção religiosa destes cristãos (o Autor chama cristãos a população envolvente com a qual os Guarani tinham contato), que consideram seres humanos somente aos que compartilhem sua fé; o assassinato de um indígena pagão não é considerado um delito maior do que a morte de um animal. Esta frase não só ouvi pronunciar inúmeras vezes no Brasil, desde o Amazonas até a fronteira paraguiana, mas, por desgraça, pude observar ser posta em prática... Não se pode culpar, pois aos Guarani pelo seu costume de esconder o quanto podem sua própria religião atrás de um escudo de aparências cristãs. Se isso se fez necessário para poder seguir sendo judeus tranquilamente, também os Guarani se fazem batizar sempre que lhes é possível". Vale a pena ler todo o livro de onde foi retirada esta citação: "Los mitos de creación y de destrucción del mundo como fundamentos de la Religión de los Apapokuva-Guarani", recentemente traduzido para o espanhol ("vergoonha nacional" diria o Darcy Ribeiro) e publicado pelo Centro Amazônico de Antropología y Aplicación Práctica, Lima-Peru, 1978.

E para terminar com uma palavra de índio, transcrevo uma pequena fala anotada por Nimuendajú, de seu pai adotivo, o pai guarani Yeguyroký, pronunciada em 1902 em São Paulo, quando foi apresentado ao governador do Estado:

"Então vem, o Padre (católico) a minha aldeia e eu o recebo o melhor que posso, e faço cozinhar para ele uma galinha e de noite lhe preparo uma cama. No dia seguinte ele conta o que sabe, isto é, aquilo, e quando ele termina ou lhe digo: Sim, Senhor; muito bem, meu Senhor e ele fica contente e se vai dizendo: 'o capitão, este é um bom capitão'.

E quando o 'Ministro' (protestante) vem, também lhe faço preparar uma galinha (quando a tenho) e faço trazer mel da mata, porque não temos açúcar e então ele também conta suas histórias e eu o escuto e digo depois: 'Sim Senhor, Senhor Ministro', e então ele fica contente e diz: 'Este sim, este é um capitão honrado'. E assim os trato a todos eles".

Gostaria que essa carta fosse publicada, de forma íntegra.

Carlos Alberto Ricardo (UNICAMP-SP)



EMINAÇÃO

... e na cidade. Eles...

... a terra se torna cada...  
... burocrático de uma...  
... metida com os lati...  
... se recusa a reconhe...  
... inalienável das nações...  
... o seu território. No...  
... nesta ano de 1979...  
... pela demarcação das...  
... enas na Amazônia - não...  
... palmo de terra sequer...  
... O Parque Yanomami e...  
... Oiapiti considerados -...  
... como um fato acabado...  
... essas feitas pela gestão...  
... FUNAI, foram agora...  
... s. A FUNAI, também...  
... is claramente, se coloca...  
... ção que é atrelado ao...  
... o Interior, justamente o...  
... hegemônico do grande...  
... opolista que ameaça a...  
... das nações indígenas.

... e quadro desespera...  
... ? A Igreja tem se...  
... vez mais no combate...  
... e a opressão...  
... e Deus disse a Moisés...  
... os olhos a miséria de...  
... (...). Seus gemidos de...  
... me comoveram. Sim...  
... as angústias. Por...  
... ti, para libertá-los das...  
... seus opressores. E os...  
... a Terra fértil onde...  
... para sempre. Anda...  
... em te manda (...)  
... meu povo desta...  
... (3,7-10).

... mos, com nossos...  
... para arrancar os...  
... desta situação, já...  
... lutar pelo Parque...  
... Reserva Oiapiti...  
... Kalangang e Gua...  
... va dos Yokó. Não...  
... te pela criação de...  
... uma reserva ali...  
... mais adiante, em...  
... Faz-se necessário...  
... a dimensão mais...  
... a terra, ligando-a...  
... lata pela autode...  
... nações indígenas...  
... bases políticas de...  
... e desconhece a...  
... ções. As garras...  
... tido enfiadas na...  
... legislação sobre os...  
... PAZ NA TERRA...  
... PARA TODOS. E...  
... NAÇÃO PARA...  
... GENAS